



INTERCÂMBIO

“Benzei-os, meu Pai. Benzei-os”: as representações de cura de benzedeadas no meio urbano da cidade de Quirinópolis, GO

*“Bless them, my Father. Bless them”:
Healing representations of urban
Benzedeadas in Quirinópolis, GO*

*Gilson Xavier de Azevedo**
*Carolina Teles Lemos***

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar as representações de cura de benzedeadas que vivem no meio urbano do município de Quirinópolis, Goiás. O presente estudo se justifica a partir dos resultados da pesquisa doutoral do referido município entre os anos de 2013 e de 2016, tendo em vista a relevância dessas mulheres para a manutenção da esperança social. O problema central é verificar quais são as representações que surgem nos discursos registrados durante a pesquisa de campo. Trabalha-se como hipótese de que as representações orais apontam para aspectos não só da religiosidade, mas da geografia, da medicina e da cultura. A metodologia empregada na pesquisa é a de um estudo exploratório de caráter bibliográfico com pesquisa de campo, utilizando como instrumento de pesquisa um questionário fechado, do qual este artigo evidenciará apenas os aspectos que permeiam as representações de cura. Aponta-se, por resultado, a riqueza dos discursos.

Palavras-chave: Religião. Cultura popular. Cura. Benzedeadas.

Abstract: The objective of this research is to analyze the healing representations of benzedeadas living in the urban environment of the municipality of Quirinópolis, Goiás. The present study is justified from the results of the doctoral research of that municipality between 2013 and 2016, in view of the relevance of these women for maintaining social hope. The main problem is to verify which representations that appear in the speeches recorded during the field research. It is hypothesized that oral representations point to aspects not only of religiosity, but of geography, medicine and culture. The methodology used in the research is an exploratory study of bibliographic character with field research, using as a research instrument a closed questionnaire, whichever, this article highlights only the aspects that permeate the representations of healing. The result is the richness of the speeches.

Keywords: Religion. Popular culture. Cure. Benzedeadas.

* Doutor em Ciências da Religião (PUC Goiás, Goiânia-GO). ORCID: 0000-0001-5207-1351 - contato: gilsoneduc@yahoo.com.br

** Doutora em Ciências Sociais (UMESMP, São Bernardo do Campo-SP) e Ciências da Religião (UMESP, São Bernardo do Campo-SP). ORCID: 0000-0003-0095-363X - contato: cteleslemos@uol.com.br

Introdução

O viés da religião popular é uma constante no Brasil desde de os idos de 1500. O fato de a cultura erudita estar distante do Novo Mundo fez com que aqueles que aqui transitavam desenvolvessem sua própria cultura, sua linguagem, sua medicina de uma maneira peculiar, popular, campesina e pouco erudita.

A formação da cultura popular se dá pela necessidade de se dimensionar problemas e soluções para um contexto de ausência completa de recursos estruturantes da nova vida que muitos vieram ter aqui. A carência de recursos tornou-se geradora de oportunidades e de novas estruturas não menos fortes que as ditas oficiais.

Em 1500, a cultura popular era a cultura de todo o Brasil, contudo havia uma segunda cultura para os instruídos, embora estes fossem poucos. Essa situação perdeu por mais dois séculos. Por volta de 1800, a Europa, nas pessoas do clero, da nobreza, dos comerciantes, dos homens de ofício e de suas mulheres, abandonou boa parte de sua cultura popular, privilegiando a esperança no futuro, inserindo-se no período pós-moderno com profundas diferenças de visão de mundo em relação ao período medieval.

Nesse contexto, a benzedeira é simbolicamente uma forma religiosa, um sujeito da cura dito não oficial, não formal e canonicamente aceito com reservas pela Igreja Católica. Portanto, primeiro a “benzeção” constitui-se como de origem cultural e, depois, religiosa no Brasil Colônia. Ela enfrentou diversas situações de resistência e perseguições por parte da religião oficial.

Não obstante, a ordem dos jesuítas constituiu a primeira forma religiosa da cultura europeia, oficial, que pisou no solo brasileiro. A condição de Padroado, ou seja, a regulação da ação religiosa no novo continente, erigiu às santas missões, que tinham por função a catequização e o subjugo dos nativos e deportados lusitanos a um padrão social mínimo de convivência.

Mesmo com toda essa movimentação religiosa, somente no século XVII é que as missões tornaram-se efetivas no Brasil. A religiosidade subordinava-se à força que vinha dos engenhos de açúcar, fazendo com que se tornasse dominante a posição da “Casa Grande-Senzala-Capela”. No século XVIII, o que as primeiras visitas efetivamente pastorais observam é um conjunto expressivo de religiosidade rural desprovida de elementos catequizantes mínimos para uma uniformização e abarrotados de credices e de superstições.

A cultura mestiça, que aqui se praticava, constituía-se em um intenso sincretismo e estava à mercê do subjetivismo teológico dos poucos padres que se arriscavam a vir em missão ao Brasil. A originalidade do cristianismo no Brasil estava expressa no processo de mestiçagem, naquilo que de excêntrico existia em relação a Roma, bem como no conflito existente entre o sistema colonial, que endossava a escravidão, e em uma força particular de crandade marcada pelo estigma da não fraternidade.

Se, na região litorânea, a cultura e a religião oficiais demoraram chegar à Terra de Santa Cruz, quanto mais se pode falar sobre o Centro-Oeste, região que fora desbravada havia bem menos tempo. A ausência de médicos, a falta de higiene pessoal, a vida difícil nos quilombos e nas senzalas, tudo isso fez emergirem os agentes da cura, presentes em todas as culturas: pajés, pais de santo e benzedores surgem quase que naturalmente entre aqueles que têm uma maior intimidade com as forças cósmicas na busca da saúde.

Nesse período histórico, uma das expressões religiosas que foram gestadas e que permanecem permeando o campo religioso na região Centro-Oeste são as festas populares. Elas representaram perplexidade entre os europeus e espantaram todos os viajantes europeus não ibéricos que vieram conviver conosco no processo de colonização do Brasil, pois havia sempre festas que manifestavam a cultura oficial, mas em especial a cultura popular com muita comida, procissões, cantos e fogos de artifício.

A cidade de Quirinópolis, dentro do contexto macrocitado e sede deste estudo, traz também esses elementos da cultura e das religiões populares. Aqui, os terços, as rezas, os chás e as “benzeções” emergiram quase que naturalmente, pois os romeiros vindos de diversas localidades desfilavam em procissão pela cidade em carros de bois. Os carros eram muito bem ornamentados com o nome da localidade de origem e o carreiro vinha acompanhado de sua família. Isso ainda hoje é muito comum nas cidades interioranas de Goiás.

Exatamente nessa paisagem surgem as manifestações sociolinguísticas que este artigo irá expor. As benzedadeiras, com sua linguagem popular e suas rezas decoradas, passadas de mãe para filha, de benzedeira para benzedeira, propagaram uma cultura salvadora, assistencial e de esperança para aqueles que nem isto possuíam. O presente artigo expõe os resultados dessa pesquisa doutoral, situando o município onde se deu o estudo, os sujeitos da pesquisa, a metodologia adotada e os seus resultados.

Caracterização do município de Quirinópolis, Goiás

De acordo com Urzedo (2014), o município de Quirinópolis, fundado em 31 de dezembro de 1943, situa-se na microrregião Sudoeste do Estado de Goiás, na Região Centro-Oeste do país. Localiza-se ao Sudoeste de Goiânia, capital do Estado, a cerca de 285 km de distância. De acordo com os dados do IBGE, em 2019 sua população era de 50.065 mil habitantes. Ocupa uma área de 3.780 km², sendo que sua área territorial representa 1,1115% da área do Estado, 0,2362% do total da área da Região Centro-Oeste e 0,0445% da área do Brasil. Do total de sua área, 7,8955 km² estão em perímetro urbano, sendo que 84,42% de sua população vivem em área urbana e 15,58% na zona rural. O município de Quirinópolis está situado na Mesorregião do Sul Goiano a uma latitude 18°26'54'S, longitude 50°27'06'W e a uma altitude média de 541 metros.

A economia do município de Quirinópolis é sedimentada nas práticas agrárias. Até 1970, a população rural era superior à urbana, observando-se um fluxo às cidades em franco desenvolvimento. Distante da capital, Goiânia, com estradas muito ruins, mesmo para a cidade desenvolvida mais próxima que é Rio Verde, os moradores adotavam práticas populares de saúde e de religião, dado que, mesmo sendo uma cidade que tem como origem a Freguesia de Nossa Senhora da Abadia, apenas nos anos 70 do século passado é que uma paróquia de mesmo nome foi erigida (Cândido, 2010).

Para Maciel e Guarim Neto (2006), na ocupação de tais regiões, “pessoas inter-relacionam-se e os saberes são experimentados e revelados por intermédio de um conhecimento que tradicionalmente consolidou-se e permeia o cotidiano dessas pessoas”, em

que o pano de fundo são as plantas, os cantos, as rezas, as curas, os chás, as “benzeções” e o alento de cura,

[...] pois nesse *locus* de vivências e experiências, o ‘saber-fazer’ é importante para a própria continuidade da vida social, cultural e econômica. Assim, também é imprescindível para a manutenção de práticas de cura, às vezes reduzidas pela expansão das áreas urbanas, que buscam copiar o que acontece nos grandes centros urbanos.

Desse modo, como em outras regiões do Estado, Quirinópolis também foi e é palco para a origem da figura das benzedeadas, dado que este arquétipo social não foi extinto e continua suas manifestações religiosas e sociolinguísticas no contexto em que estão situadas.

Caracterização dos sujeitos de pesquisa

As entrevistadas têm, em média, a idade de 64 anos, a maioria é casada, sendo uma amasiada e uma solteira. A maioria cursou até o 4º ano do Ensino Fundamental e tem, em média, quatro filhos. Todas têm casa própria. Realizei as entrevistas em suas casas, à exceção de duas que entrevistei em seu local de trabalho.

Em relação ao local de nascimento, apenas três declararam ter nascido em Quirinópolis; as outras três nasceram em outras cidades de Goiás, três em Minas Gerais e uma no Estado de São Paulo.

Em média, residem em Quirinópolis há 35 anos. Sobre seu bairro, estão localizadas mais em regiões periféricas da cidade, à exceção de três delas. Todas disseram ter boa ou ótima relação com sua comunidade.

A primeira entrevista ocorreu em 06 de julho de 2014 com a benzedeadora Dona Dalila Araújo, que nasceu em Guarapuava e estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Ela tem 67 anos, é casada e tem cinco filhos. Ao ser entrevistada, afirmou que sua casa é própria e que mora em Quirinópolis há 27 anos, no bairro Jardim Bom Pastor. Dona Dalila considera que possui uma boa relação com a comunidade.

A segunda entrevista foi realizada no dia 22 de julho de 2014 com a Dona Valdivina Campos, nascida em Itumbiara, no interior de Goiás. Ela tem 83 anos, cursou até o 4º ano do Ensino Fundamental, é casada e tem oito filhos. Ela também afirmou que a casa em que mora é própria. Ela reside no centro da cidade, em Quirinópolis, lugar que habita há 63 anos. Considera que possui boa relação com a comunidade.

A terceira entrevista se deu no dia 02 de setembro de 2014 com a Dona Adélia Souza de Moura, nascida em Santa Helena, interior de Goiás. Ela tem 63 anos, encontra-se amasiada há 40 anos e sobre isso afirma: “amigado com fé, casado é”. Possui casa própria, originária de apoio recebido da prefeitura local, diz morar em Quirinópolis há 35 anos, no bairro Tônico Bento. Considera que possui boa relação com a comunidade. Nunca estudou. Tem apenas um filho. Veste roupas simples e tem hábitos simples.

A quarta entrevista foi feita no dia 11 de setembro de 2014 com a Dona Sebastiana Maria de Andrade, nascida em Quirinópolis, na Fazenda Paredão. Ela tem 74 anos, é casada há 55 anos, teve quatro filhos. Ela afirmou que sua casa é própria e que mora em Quirinópolis há cinco anos, no bairro São Francisco, desde que veio da fazenda onde residiu por muitos anos. Considera que possui uma pequena relação com a

comunidade. Estudou somente o 1º ano do Ensino Fundamental, aprendeu a benzer com a mãe e com a avó, já tardiamente, aos vinte anos. Reconhece que, em sua época de moça nova, era importante uma jovem saber o ofício da “benzeção”, justamente para que isto indicasse que ela tinha vocação para ser mãe, sendo ainda uma forma de integração social. Seu marido deu testemunho de ter recorrido às orações muitas vezes não só para si, mas também para animais de sua propriedade rural.

A quinta entrevista foi realizada no dia 13 de setembro de 2014 com Dona Marly Souza Resende, nascida em Quirinópolis e que estudou até o 3º ano do Ensino Fundamental. Tem 47 anos, é solteira e tem um filho. Sua casa é própria, afirma morar em Quirinópolis há 14 anos, desde que retornou para cá e, atualmente, mora no bairro Alexandrina. Considera que possui ótima relação com a comunidade. Dona Marly foi a benzedeadas mais performática (termo denso de significados) das entrevistadas, no sentido de que possui diversos elementos místico/carismáticos em sua prática. Toda a entrada da sua casa, que é um grande quintal, está repleta de elementos sobre a “benzeção”. Na porta da casa tem uma placa indicando os dias em que benze (somente às quintas). São cinco bancos de madeira sob uma frondosa mangueira, onde atende seus vários reclamantes toda semana.

A sexta entrevista ocorreu no dia 14 de setembro de 2014 com Dona Marieta Resende, mãe de Dona Marly, de quem se fez o relato anteriormente. Nascida em Pirajuba, interior de Minas Gerais, tem 73 anos, é casada e teve sete filhos. Estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Sua casa é própria, mora em Quirinópolis há 54 anos, no bairro Municipal. Considera que possui boa relação com a comunidade, aparece ao lado do esposo, em sua casa simples feita de placas de muro. Dona Marieta foi quem ensinou Dona Marly a fazer as orações, embora eu deva fazer uma distinção entre o estilo de “benzeção” de ambas, dado que Marly hoje trabalha com oração espontânea e com o que vem aos seus sentidos no momento da oração, é intuitiva; Dona Marieta sabe as muitas orações e as utiliza-as de cor.

A sétima entrevista se deu com Dona Algenória Alves Cunha, no dia 16 de setembro de 2014. Ela nasceu na Fazenda Corredeira, no município de Quirinópolis, tem 61 anos, é casada e teve dois filhos. Estudou apenas o 1º ano do Ensino Fundamental. Sua casa é própria e ela mora em Quirinópolis há 29 anos; desde que deixou a fazenda e passou a residir na cidade, estabeleceu residência no bairro Municipal. Considera que possui uma relação um pouco discreta com a comunidade.

Neta de escravos, a oitava entrevistada desta pesquisa, que ocorreu no dia 16 de setembro de 2014, foi Dona Maria Aparecida Mendes Pereira, que é cozinheira nas dependências do CMEI Nossa Sra. da Abadia. Ela nasceu em Santa Vitória, Minas Gerais, tem 56 anos, é casada e teve cinco filhos. Declara ter estudado até o 2º ano do Ensino Fundamental. Sua casa é própria, mora em Quirinópolis há 9 anos, e desde que veio para cá, reside no bairro Alphaville. Considera que possui uma relação discreta com sua comunidade, dado que trabalha o dia todo, de modo que sua prática de “benzeção” é aleatória; ela afirma tê-la herdado da mãe. A prática ocorre geralmente na creche em que é merendeira.

A nona entrevista foi feita com Dona Cleuza Cabral, também nas dependências da Creche Nossa Sra. da Abadia, na tarde no dia 16 de setembro de 2014. Nascida em

Quirinópolis, Goiás, tem 54 anos, é casada e teve dois filhos. Estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Sua casa é própria, mora em Quirinópolis há 22 anos, sempre no bairro Pedro Cardoso. Considera que possui uma relação boa com sua comunidade. Realiza a “benzeção” de forma também aleatória na creche onde é auxiliar de sala. Dona Cleuza atua há muitos anos como educadora e não se considera uma benzedeira na totalidade do termo, mas declara que, ao longo da vida, foi aprendendo e utilizando algumas orações em momentos em que essas eram necessárias e percebeu que “foi dando certo”. Declara que está sempre sorrindo e de bom humor, e acredita que sua missão é alegrar as colegas do CMEI.

A última entrevista realizada ocorreu quando se visitou Dona Joana D’Arc dos Reis Munis, no dia 07 de outubro de 2014. Mulher que se considera simples, mas controlada financeiramente, conforme ela mesma me disse e constatei na visita à sua casa. Dona Joana Darc nasceu em Veríssimo, Minas Gerais, tem 59 anos, é casada e tem duas filhas. Afirma que sua casa é própria e que mora em Quirinópolis há 41 anos, no bairro Capelinha, desde que veio para cá. Considera que possui boa relação com a comunidade. Estudou até o 4º Ano do Ensino Fundamental. Conheci Dona Joana no CMEI onde meus dois filhos receberam os cuidados pedagógicos. Ela foi a primeira benzedeira com quem meu filho esteve para receber oração. Nesse campo, ela se mostra bastante propositiva e forte na oração, no sentido de acreditar piamente naquilo que reza. Não foi observada em sua casa a presença de santos ou elementos religiosos, nem mesmo em sua vestimenta adereços como correntes ou terços.

Cita-se que a condição de permanência social das benzedieras, chamada de cultura residual, passa pelo viés econômico, vertente esta que se mostra importante na transversalidade das estruturas que ora se analisa. As benzedieras estão bem integradas a seu meio e vivem seu cotidiano manifestando seu “sociodialeto” como expressão de sua cultura e de suas crenças.

A respeito da condição econômica das benzedieras ora entrevistadas para esta pesquisa, todas declararam possuir residência fixa; apenas três têm função de trabalho fora de casa, embora se deva aqui ressaltar que apenas duas das dez benzedieras entrevistadas denotaram viver exclusiva e cotidianamente para sua prática, dado que as demais são aposentadas ou pensionistas e não têm a prática da “benzeção” como rotina nem cotidiana, nem de subsistência. Esse dado é notado pela vida simples que a maioria delas tem.

Sete delas são donas de casa, além de serem benzedieras. Nenhuma das benzedieras afirmou cobrar pela “benzeção”, entretanto três disseram receber presentes com certa frequência em retribuição à sua prática, das quais duas disseram que já receberam presentes, inclusive de grande valor. O fato de receberem algo em troca de sua prática não representa também que sejam mulheres abastadas de presentes e de retribuições financeiras; pelo contrário, são simples e demonstram simplicidade em sua fala, movimentos, vestimentas, olhar e trato, casa e móveis.

Métodos e técnicas aplicadas à pesquisa

Tendo por objetivo a investigação sociolinguística das falas e construções simbólicas das benzedieras, este artigo é um recorte de pesquisa da tese “As benzedieras na tecitura

da cultura, religião e medicina popular”, defendida em 2017 pela PUC-GO. Trata-se de um artigo que ressalta as falas e representações sociolinguísticas das benzedadeiras entrevistadas.

Como o estudo empírico (entrevista) proposto está situado em um contexto citadino e interiorano, entendo que os elementos culturalidade, regionalidade e saúde vão ocorrer em alguns momentos desta discussão. Tenho ainda por certo que o panorama religioso da região Centro-Oeste e da cidade de Quirinópolis, onde o estudo de campo se deu, é tão denso de significados quanto em qualquer outra região do país, quicá do mundo. De mesmo modo, as formas de compreensão desse enorme conjunto de fenômenos que permeiam as práticas religiosas das benzedadeiras e, por que não dizer, populares de modo geral, exigem, primeiramente, um olhar bibliográfico acurado (Azevedo, Entrevista Dalila Araújo, 2017).

Após o projeto de pesquisa referente ao estudo que aqui se declinou ter passado pelo Comitê de ética da PUC-GO (aprovado sob o número CAAE: 28771614.3.0000.0037, sem necessidade de apreciação no Conselho Nacional de Saúde – CONEP – Ministério da Saúde), iniciou-se as entrevistas.

Conforme relato no corpo da tese, as entrevistas de campo aconteceram por meio da aplicação de questionário fechado, contendo 58 questões submetido a 10 benzedadeiras, sendo que 23 foram mapeadas. Dessas, uma recusou-se a ser entrevistada, e as demais não participaram da entrevista por habitarem na zona rural. As entrevistas ocorreram de forma individual nos locais de moradia das benzedadeiras ou em seu local de trabalho. As entrevistadas tiveram liberdade para responder às questões do formulário oralmente e acrescentar informações que julgassem importantes. Foram efetuadas caminhadas pelos quintais, hortas, jardins e roças das informantes, que apontavam plantas e indicavam o nome vulgar das espécies, as formas de uso e outras informações, além da indicação de uma oração que fosse a mais utilizada por cada uma (Azevedo, 2017).

Resultados e discussão

O “sociodialeto” é todo o conjunto de representações orais de uma pessoa ou grupo no qual pode-se verificar toda a força simbólica da religiosidade, da cultura e da compreensão societária. No caso das benzedadeiras entrevistadas, tal conceito se manifestou de forma contundente em minha pesquisa.

Para Weber (1991, p. 429), a prática religiosa é uma espécie de caminho para a conquista da felicidade, da vida longa, da compreensão do contexto no qual se está inserido e uma forma de conquistar a sabedoria, conforme segue:

A benzê aprendi um pôco com minha mãe, que também ainda benze. Era o dia intero ela benzeno de quebrante, mal oiado, inveja, cobrero. Ela benzia com talinho de mamão na mão e uma faca, ia picando, dando uns corte nele, ela gostava de jogá no terrero ou na água. Era tão forte que não tinha cobrero que ela não curasse” (Entrevista com D. Marly Resende, 13/09/2014)¹.

1 Mantivemos as formas de falar das nossas entrevistadas, sem vertê-las para uma linguagem “cult”.

O comentário acima enuncia certa instrumentalização do cotidiano referido por Weber, dada a necessidade de sanar questões de saúde decorrentes da falta de higiene. Trata-se de um agrupamento hierocrático (organização social a partir de ordenamentos advindos do que se considera sagrado), pois pressupõe certa dominação espiritual.

Nesse sentido, a figura da benzedeira recobra o arquétipo ou modelo de agente sectário, não formal, não burocrático: “Mexo com gente de todo jeito, católicos, cren-tes e espíritas. Os problemas dos espírita são mais forte. Tem que sê oração forte pra derrubá. Quebranto e essas coisa eu rezo o responsório que passa” (Entrevista Dalila Araújo, 06/07/2014).

Assim como o cotidiano de Dona Marly, o cotidiano de Dona Dalila é permeado de forças sobrenaturais ou da natureza que se misturam com suas práticas mágicas ora burocráticas, ora populares. A mesma condição é percebida no comentário a seguir:

Eu sinto uma força muito grande lá em casa, acho que lá é lugar santo sim, porque todo dia eu rezo lá né, peço proteção, peço os guia pra ficar lá, me ajudar. Já rezei mais, morava na roça, quando meus filho era pequeno tinha medo de acontecê algo com eles, então eu rezava muito, mas benzê mesmo foi depois de adurta (Entrevista com D. Maria Pereira, 16/09/2014).

As forças sentidas por Dona Maria Pereira são fruto de sua ligação (conexão) com a natureza e com o mundo. Para Willieme (2012), a força religiosa está situada no mundo natural e mesmo que a benzedeira não tenha estudado, ela sabe intuitivamente manifestar essa força em suas ações.

Estudei até a quarta série. Aprendi a benzê com minha vó. Ela ensinou eu e minha prima. Eu pedi pra ela me ensiná. Quando eu era pequena, treze anos, eu ficava muito na casa da minha vó porque minha mãe trabalhava, aí ela me mandava buscar folha pra ela benzê as pessoa que chegava lá. Sempre eu pedia pra ela pra me ensiná de mal olhado e vento virado. Eu gravava na cabeça, eu benzo qualquer dia e qualquer hora, é deus que benze aí eu não posso negar quem pede. Eu fico muito feliz quando alguém pede pra eu benzer (Entrevista com D. Cleuza, 16/09/2014).

Nesse caso, o dialeto das benzedeadas expressa sua cultura popular, sua força simbólica e evidencia os laços de integração social nos quais elas se constituem. Existem um ensino, um aprendizado, um envolvimento sociolinguístico.

Para Weber (1991), a ação religiosa é uma ação sociorracional orientada por meios e fins, de modo que, está motivada para este mundo, para a realidade terrena, concreta e real. Trata-se de uma mimese embalada pela construção linguística permeada de elementos corriqueiros e tem poderes simbólicos sobre o mundo natural.

O emprego mágico dos símbolos gráficos, o desenvolvimento de todas as espécies de mímica e dança como simbolismo, por assim dizer, homeopático, apotropéico, exorcista ou mágico coercitivo, a estereotipação as sequências formais admissíveis ou, pelo menos, a das sequências tônicas (Weber, 1991, p. 283).

Conforme o exposto, a prática das benzedeadas é uma resposta direta, linguística, oral, social ao que as instâncias burocráticas não respondem, conforme se lê a seguir:

Uso muito o barro de Nossa Senhora, pego ali mesmo na grutinha. É forte e cura doença de pele. Uso as plantas também. A melhor planta é as arvores, elas é forte

dimais, mas o chifre e a pedra também têm muita força. É deus que escolhe a gente pra fazer as oração. Fico discaça o dia intero que eu benzo, porque vai pra terra as força ruim é igual os raio (Entrevista com D. Marly Resende, 13/09/2014).

A esse respeito, Weber entende que as religiões são construções de uma prática sociolinguística autêntica e individualizada, personalizada até. O rezado, por meio de sua linguagem e oração decorada e recitada, fala com o sagrado, com o mundo, com a força cósmica, e ali deposita a sua prece e o seu desejo. A partir de Lyons (1982) notam-se falas demarcatórias do sagrado. Para Ullmann (1987), em sua relação, língua e cultura estão diretamente interrelacionadas.

Todas as lexias nomeiam determinados referentes devido à relação de semelhança de sentido que estes estabelecem com outros já existentes. Estas semelhanças fazem alusão ao físico, ao efeito, à abstração, à grandiosidade, à ação, enfim às características particulares do objeto, da ação, ou do ser de sentido próprio (Moura, 2010, p. 6).

Segundo Bourdieu (2004, p. 86), existe uma demanda ideológica nas orações que pressupõe uma mensagem sistemática capaz de fornecer sentido unitário à vida, “capaz de lhes fornecer justificativas de existir tal como existem, isto é, em uma determinada posição social”. No mesmo sentido: “O xamá fornece à sua paciente uma linguagem na qual podem ser imediatamente expressos estados não-formulados, e de outro modo não formuláveis” (Lévi-Strauss, 1995, p. 213).

Trata-se de um sistema de práticas que apresenta como aspecto sociolinguístico principal a crença como feitiçaria ou encantamento. Trata-se de uma religião do inconsciente, pouco burocrática (Weber, 1991), “uma posição dominada nas estruturas das relações de força simbólica, ou seja, no sistema de relações entre os sistemas de práticas e de crenças próprias a uma formação social determinada” (Bourdieu, 2004, p. 43). Prática essa que foi aprendida, não de uma hora para outra, mas que reúne elementos absorvidos desde a infância:

Menino, eu sou católica desde a minha mãe, nunca mudei, nunca fui in nada qui num fosse católico. Tenho força na igreja, mesmo na roça quando nós morava na fazenda Paredão, eu rezava o terço duas treis veis no dia. Moro aqui tem 5 anos, tenho meus santo minhas devoção e graça a deus minha casa sempre foi guardada (Entrevista com D. Sebastiana, 11/09/2014).

A linguagem utilizada para expressar o aspecto histórico propõe uma interrelação mítica entre o aprendido e o aprendizado, a saber, entre significante e significado. “A benzedura, como qualquer sistema simbólico, tem como um de seus elementos integrantes o mito, essa realidade cultural extremamente complexa, que relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (Lemos, 2010, p. 1). No mesmo sentido, “parte dos conhecimentos mágicos são adquiridos, outros congênitos e, alguns atribuídos” (Mauss, 2003, p. 62).

Já usei arruda, alecrim, alfavaca, comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge, alfazema, folha de fortuna, catinga de mulata. Uai que vê, a erva cidreira é boa pra tosse e febre; gervão que só vi no Mato Grosso cura tosse e machucado; bálsamo é pra problema de fígado e a babosa também, uso ela pra morroida tem veis; o capim da folha santa é bom pra dor de cabeça e já a arruda pra dor de estômago. Tem demais, cada uma pra um poblema (Entrevista com D. Joana Darc, 07/10/2014).

Os elementos que Dona Joana enuncia são elementos sociolinguísticos que emanam da força natural, plantas diversas que curam diversas doenças. Trata-se de uma sabedoria desprezada pelo homem moderno: “O homem moderno é livre de desprezar as mitologias e as teologias, mas isso não o impedirá de continuar a alimentar-se de mitos decadentes e de imagens degradadas” (Eliade, 2002, p. 19).

O que as mãe mais procura é de quebrante e espinhela, às veis as criancinha tá injuada e não é dente nem nada, daí eu benzo de espinhela, pode dar até diarreia e vômito. Tem criança já grande que tem que Benzê duas veis, à noite e no outro dia. Outro dia veio um senhor aqui pra benzer e a filha dele é inté enfermera (Entrevista com D. Valdivina Campos, 22/07/2014).

As doenças que as benzedeadas tratam são doenças que estão no vocabulário dos indivíduos; são termos transmitidos oralmente de geração em geração. “Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofania” (Eliade, 2001, p. 13).

Pra benzê é sempre, num sei proque as pessoa nova num aprende. Ocê pega uma foia verde, um ramim, e vai na perna o no braço, onde tivé a dor e reza: Deus te fez, Deus te criou, de Deus te ingerô. Tirai esse mal qui nocê entrô. Vai pras montanhas pa nunca mais vortá. Cum os puderes de Deus da Virge Maria sereis cortada (Entrevista com D. Adeliçia Benedita, 02/09/2014).

Trata-se de uma sabedoria popular, situada em uma linguagem absolutamente simples e cotidiana. Os elementos linguísticos contidos na fala de Dona Adeliçia enunciam uma aula de como se benze e de como se evoca a força do sagrado. “Para benzer é necessário concentrar-se, fazer um pequeno silêncio e pensar nas palavras que se diz. Durante o benzimento, as benzedeadas às vezes sentem reações como bocejos, os olhos que lacrimejam e alguns calafrios” (Lemos, 2007, p. 5).

A existência de recursos culturais, de um sistema adequado de símbolos públicos é tão essencial para essa espécie de processo como o é para o raciocínio orientador. Assim sendo, o desenvolvimento, a manutenção e a dissolução de “humores”, “atitudes”, “sentimentos”, e assim por diante, que são “percepções” no sentido de estado ou condição, não sensações ou motivos, constituem tanto uma atividade basicamente privada dos seres humanos quanto o “pensamento” orientador (Geertz, 1989, pp. 94-95).

O “sociodialeto” formulado pelas benzedeadas toca sentimentalmente o que recebe a oração. Reordena suas emoções, produz crença, fé, esperança e cura. “[...] em vez de termos a sociedade contida no indivíduo, temos o oposto: o indivíduo contido e imerso em sociedade” (Da Matta, 1979, pp. 172-173).

Uai, meu sobrinho estava desenganado com uma dor, foi dado até por morto, ia num e nada, ia noutra e nada, acho que teve até no outro mundo e voltô. Rezei uma, rezei duas até que ele começô a melhorá. Era chá, folha macerada, fiz de tudo pra podê ajudá e ele melhorô. No fim era hérnia (Entrevista com D. Algeniria, 16/09/2014).

Não são apenas palavras como se nota no comentário de Dona Algeniria, mas palavras imbuídas de sentido e acompanhadas de chás, emplastos, saberes populares de cura. Como se nota a seguir também: “Já curei até labirintite e o sinhô num é capaz

de adivinhá com o quê? Tabessero de paia de milho. Foi uma velha índia matupá que ensinou pra minha avó. Basta dormi nele algumas noites que a labirintite nunca mais vorta” (Entrevista com Dona Marieta Resende, 14/09/2014).

As benzedeadas se veem de fato como agentes da cura, intermediárias entre o divino e o humano, possuidoras de um dom. Sua linguagem imperativa enuncia isso a todo momento. Elas creem e professam, conforme completa Dona Marieta: “Deus deixou o médico, deu a sabedoria pra ele podê curá as pessoas. Mas às veis a pessoa precisa que num é no corpo pra depois curá o corpo. Se eu vê que num consigo ajudá uma pessoa só com reza, eu mando ela procurá o médico e peço pra voltar depois e contar como foi” (Entrevista com Dona Marieta Resende, 14/09/2014).

Conclusão

Buscou-se evidenciar no presente artigo a construção sociolinguística das falas proferidas pelas benzedeadas que constituíram os sujeitos deste estudo. Cada fala enuncia um sociodialeto bem sedimentado, semelhante e popular. São mulheres simples, linguagens simples, mas que fornecem sentido à vida das pessoas. Se a linguagem se cria e cria mundos, isto é um sinal de que as benzedeadas estão situadas na lógica deste discurso, pois elas são agentes da cura, da cultura e da religião, e são, também, agentes das palavras. Elas falam, benzem, invocam o sagrado, decoram orações, falas e criam todo um universo simbólico que envolve a psique do paciente e seu problema.

São interpretações sociodialeticas de magia destinadas a sujeitos, grupos imbricados nos ritos, nas práticas, nas falas, nas audições, nas fórmulas que reúnem em si o dom de ser a oração e o momento mais capaz para quem recebe a oração. A linguagem das benzedeadas empodera os sujeitos, pois os motiva a acreditar na intervenção divina. As pessoas saem dali prontas a alcançar seus objetivos. Por meio da palavra, a magia ou ordem lógica do mundo passa a ser conhecida, entendida, dominada, difundida e traduzida em favor do homem.

Para Azevedo (2017): “A magia protetora, aquela em que se usa um amuleto, ou objeto que concentra e difunde o poder dessa mesma magia, com os terços ou ramos que as benzedeadas usam, uma espécie de objeto que retém a magia. Para o mundo hodierno pode ser uma roupa, um sapato, um celular, ou qualquer outro objeto que concentre certo tipo de poder por agregar, na concepção de quem o usa, um valor simbólico”.

Por último, a magia não acontece sem a linguagem e a linguagem não acontece sem imbuir-se de magia, assim como a chuva que cai que não passa por nós sem deixar um sinal – assim é a “benzeção”.

Referências

AZEVEDO, Gilson Xavier de. As benzedeadas na tecitura da cultura, religião e medicina popular [manuscrito]/ Gilson Xavier de Azevedo. 173 f.; il. 30 cm. Texto em português com resumo em inglês. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PPG em Ciências da Religião, Goiânia, 2017.

- BOURDIEU, p. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2004.
- CÂNDIDO, Alexandre José. Nossa Senhora D'Abadia: Padroeira: uma história como expressão religiosa de Quirinópolis. Goiânia: Kelps, 2010.
- DA MATTA, R. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1979.
- ELIADE, M. Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 178 p.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 191 p.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LEMOS, C. T. Benzedura: uma forma de exercer o poder. In: Carolina Teles LEMOS, C. T. (Org.). Religião e saúde. 1ed. Goiânia: Deescubra, 2007, v. 2, pp. 19-34.
- LEMOS, C. T. Benzedura: uma forma de mito próprio das ruralidades. RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Ha roldo; FERREIRA, Joel Antônio (orgs.). Anais do III Congresso em Ciências da Religião Mitologia e Literatura Sagrada, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, v.1, n.1, pp. 61-70, 2010.
- LEVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- LYONS, John. Linguagem e lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MACIEL, Márcia Regina Antunes and GUARIM NETO, Germano. Um olhar sobre as benzedoras de ... [online]. 2006, vol.1, n.3, pp. 61-77.
- MOURA, Deije Machado de. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Universidade de Évora, 2010.
- MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- RABELO, C. M. A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade: Uma Expressão do Catolicismo Popular em Goiás. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2001, mimeografado.
- ULLMANN, Stephen. Semântica: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- URZEDO, M.F. (Org). Quirinópolis Mãos e Olhares Diferentes, 1832-2014. Goiânia, Kelps: 2014.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. 4. ed. São Paulo: Editora UnB, 1991.

WILLAME, J, p. Sociologia das religiões. Tradução Lineimar Pereira Marins. São Paulo: Unesp, 2012.

Fontes orais

ANDRADE, Sebastiana Maria de (1943, casada, 4 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 11 Set. 2014.

ARAÚJO, Dalila Fidelis (1974, casada, 5 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 06 Jul. 2014.

CABRAL, Cleuza (1963, casada, 2 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 16 Set. 2014.

CAMPOS, Valdivina Mendes (1934, casada). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 22 Jul. 2014.

CUNHA, Algeníria Alves (1956, casada, 2 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 16 Set. 2014.

MOURA, Adélia Benedita Souza de (1954, amigada, 1 filho). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 02 Set. 2014.

MUNIS, Joana D`Arc dos Reis (1958, casada, 2 filhas). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 07 Out. 2014.

PEREIRA, Maria Aparecida Mendes (1961, casada, 5 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 16 Set. 2014.

RESENDE, Marieta Souza (1944, casada, 7 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 14 Set. 2014.

RESENDE, Marly Souza (1970, solteira, 2 filhos). Entrevista concedida a Gilson X. de Azevedo. Quirinópolis, 14 Set. 2014.

Recebido: 8 de novembro de 2019.

Aprovado: 2 de julho de 2020.